

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
Curso de Teatro Licenciatura



Trabalho de conclusão de curso

**A contribuição do fazer teatral na juventude para a  
constituição de adultos apreciadores de teatro**

**Marina Chaves Moraes**

Pelotas, 2013

**MARINA CHAVES MORAES**

**A contribuição do fazer teatral na juventude para a  
constituição de adultos apreciadores de teatro**

Trabalho acadêmico apresentado ao  
Curso de Teatro Licenciatura da  
Universidade Federal de Pelotas, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciatura em Teatro.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Me. Taís Ferreira

Pelotas, 2013

**Banca examinadora:**

Prof<sup>a</sup>. Me. Taís Ferreira

Prof<sup>a</sup>. Dra. Marina de Oliveira

*Dedico este trabalho ao “mestre”, Marcos Chaves,  
que sempre me incentivou, me apoiou, acreditando  
que eu seria capaz de vencer.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a meus pais, por fornecerem as condições necessárias para que eu chegasse até aqui. Obrigada pela educação, pelo carinho e por acreditarem nos meus sonhos. Mãe, obrigada pelo constante apoio e aplausos na primeira fila da plateia. Pai, obrigada pelo apoio nas minhas escolhas.

Aos meus irmãos amados que sempre tiveram a palavra certa na hora certa. Nanda querida, por toda força e por me mostrar que posso ser capaz de enfrentar qualquer desafio, basta querer. Marcos, meu careca preferido, responsável pelo meu amor ao teatro, mostrou-me o caminho a percorrer, me auxiliando na trajetória universitária.

Ao amor da minha vida. Aprendi que embora haja barreiras no percurso, jamais devemos desistir dos nossos sonhos. À minha princesa Lívia, que foi a força total para a conclusão do curso e ao meu bebê amado Larissa, marcando o final dessa jornada de graduação, amo vocês!

À minha orientadora, professora Taís Ferreira, pela atenção dedicada e pelas contribuições esclarecedoras acerca do tema da pesquisa. Obrigada por acreditar no meu trabalho.

Aos amigos que conquistei ao longo do curso, Roberta Rangel e Dídio Lopes, obrigada pelo ombro amigo nas horas em que mais precisei. Nossa amizade vai além da academia.

Aos colegas integrantes da Cia. Teatral Cem Caras, pela disposição em auxiliar na pesquisa, pelo interesse e carinho sobre o tema. Nosso reencontro foi de suma importância para a realização desse trabalho, e deram força para a efetivação com sucesso.

Finalmente aos que acreditaram e confiaram na minha graduação em Teatro, muito obrigada!

*Teatro como impulsionador para novas formas de olhar e se relacionar com o mundo; como formador de um ser humano mais pleno, tanto sensivelmente, quanto no uso de suas capacidades intelectuais. O teatro dando abertura para outros níveis de percepção do cotidiano, do outro e de si mesmo (Aline Grisa, 2009).*

## RESUMO

Este trabalho tem como foco de investigação sujeitos da Cia. Teatral Cem Caras, pertencentes ao grupo no período de 2000 a 2005. O principal objetivo da pesquisa é refletir acerca das experiências destes sujeitos com o teatro, averiguando se a participação em um grupo teatral na juventude contribuiu para a formação de espectadores e apreciadores de arte. Trata-se de um estudo qualitativo, estruturando-se ao longo do desenvolvimento, utilizando-se de meios quantitativos, como gráficos, para a melhor visualização da análise. O estudo se desenvolve com base nas teorias do teatro amador realizado com jovens, assim como na formação de espectadores, identidades e juventude. A partir do resgate destes sujeitos, foram aplicados questionários que fazem parte dos dados construídos na pesquisa. A reflexão da vivência dos sujeitos com o fazer teatral na juventude trouxe dados de suma importância para a efetivação da análise. Esta pesquisa, mais do que respostas, visa provocar questionamentos acerca dos sujeitos que não têm acesso a eventos culturais, quanto à sua aceitação e apreciação do teatro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teatro Amador. Espectador. Identidade. Juventude.

## **Lista de Gráficos**

Gráfico 1	Profissões dos sujeitos ligadas à arte.....	23
Gráfico 2	Sujeitos que frequentam manifestações artísticas.....	24
Gráfico 3	Sujeitos que frequentam atividades teatrais.....	26



## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>14</b>
<b>3. ESTUDO TEÓRICO.....</b>	<b>16</b>
3.1 JUVENTUDES E IDENTIDADES.....	16
3.2 TEATRO AMADOR.....	17
3.3 FORMAÇÃO DE ESPECTADOR.....	19
<b>4. O REENCONTRO COM O CEM CARAS.....</b>	<b>21</b>
4.1 A IMPORTÂNCIA TEATRAL.....	21
4.2 ANÁLISE QUANTI-QUALITATIVA DOS SUJEITOS.....	22
<b>4.2.1 Profissões escolhidas pelos sujeitos.....</b>	<b>22</b>
<b>4.2.2 Frequência a atividades artísticas.....</b>	<b>24</b>
4.3 EXPERIÊNCIA MARCANTE.....	27
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>
<b>7. APÊNDICES.....</b>	<b>33</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é uma reflexão acerca das dificuldades encontradas ao longo do meu percurso acadêmico relacionada com minha trajetória artística antes mesmo de ingressar no curso de graduação na Universidade Federal de Pelotas. Na escolha do tema, a principal questão que me move é se a vivência teatral na juventude é capaz de modificar o modo de perceber o teatro na fase adulta, visto que a incompreensão e a falta de entendimento do que venha a ser teatro, foram as maiores barreiras enfrentadas por mim no decorrer dos quatro anos cursados.

O começo de minha relação com o meio artístico ocorreu com apenas 10 anos de idade (1995) em um festival estudantil, na cidade de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. O grupo formado por meninas estudantes da segunda série do Colégio Marista Pio XII<sup>1</sup> recebeu o nome de Pequenas Atrizes, montado com a finalidade de participar do III Festival de Teatro Pio XII, que ocorria anualmente no colégio referido, com a montagem de uma história infantil do escritor Pedro Bandeira<sup>2</sup>, intitulada “Chá de Sumiço”. Fui privilegiada de ter meu irmão Marcos Chaves – que na época estava iniciando a sua jornada teatral, hoje doutorando em Teatro na UDESC, Universidade do Estado de Santa Catarina – como diretor do grupo. A trama era desenvolvida dentro do quarto da personagem principal, Ritinha, girando em torno do desaparecimento de Maricota, sua boneca preferida. Eu fazia a irmãzinha dela, cujo nome era Cíntia e éramos as únicas personagens reais, pois o restante atuava como os brinquedos das meninas. Em meio à procura, brinquedos falam em “bonequês”, dificultando o entendimento entre objetos e pessoas. Nos ensaios sempre teve muita diversão, embora nosso diretor fizesse de tudo para manter a disciplina, não perdíamos a ingenuidade de crianças. Esta peça acabou sendo premiada pela melhor trilha sonora infantil.

A apreciação artística em minha família sempre foi muito presente, facilitando a aceitação pela escolha em trabalhar com teatro. Aos poucos fui me aperfeiçoando

---

<sup>1</sup> A Rede Marista de Educação e Solidariedade faz parte da Província Marista do Rio Grande do Sul, unidade administrativa do Instituto dos Irmãos Maristas, organização religiosa e educacional fundada por São Marcelino Champagnat em 1817 e presente em mais de 75 países.

<sup>2</sup> Pedro Bandeira é escritor brasileiro de livros infanto-juvenis. Dedicou-se ao teatro amador, até mudar para a capital, onde estudou Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP).

nesta área, construindo opiniões através das vivências pessoais no que diz respeito à arte. Tive a oportunidade de participar do grupo teatral Cem Caras em 2000, com a indicação de quem me mostrou as ferramentas teatrais, meu irmão, o qual sempre foi amante das artes cênicas, permanecendo no grupo até 2004.

Cem Caras é um grupo de teatro extraclasse, ainda ativo, que se instalou na antiga Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPel), hoje Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSul). Para fazer parte do grupo, dever-se-ia estudar na instituição – por isso mencionei o termo indicação, por não fazer parte desta. Neste grupo havia jovens com diversos tipos de interesses: aperfeiçoar a capacidade de se expressar em público, de apenas manter um convívio social ou porque realmente desejavam fazer teatro.

Cem Caras me motivou a apreciar e a valorizar a arte. Tínhamos a liberdade de criação, descontração, dedicação e comprometimento do grupo com o trabalho desenvolvido. Neste período, tive como diretor Flávio Dornelles<sup>3</sup>, o qual sempre fez uso de jogos teatrais da Viola Spolin<sup>4</sup>. Tínhamos uma rotina que eu gostava muito, iniciando com o Jogo da Bolinha<sup>5</sup> e finalizando com uma massagem relaxante realizada por duplas, onde um realizava no outro, ao som de músicas ambientais e luz reduzida. Flávio sempre nos deixou à vontade, indo ao palco fazer demonstrações das marcações desejadas, mas sempre aberto para as ideias que iam surgindo durante o ensaio.

Por quatro anos pude fazer parte da mesma peça, do mesmo personagem, podendo interagir com diversas pessoas que passaram durante as mudanças de elenco. Marcelino<sup>6</sup>, esse foi o papel mais significativo e importante que realizei, que quando decidi sair do grupo senti uma imensa dor em abandoná-lo. O principal resultado do Cem Caras nessa trajetória foram as amizades em que tivemos momentos maravilhosos com pessoas especiais. O respeito ao próximo, a aceitação

---

<sup>3</sup> Diretor de teatro da Cia. Teatral Cem Caras, localizada no IFSul, desde 2000 até os dias de hoje.

<sup>4</sup> Autora e diretora de teatro, considerada por muitos como a avó norte-americana do teatro improvisacional.

<sup>5</sup> Jogo realizado em grupo, que oportuniza memorização, integração, concentração, aquecimento e descontração.

<sup>6</sup> Personagem da peça “A Alface” de Ivo Bender, em que uma noviça é levada a presença da madre por ter comido uma alface que não era benta.

dos erros, a disciplina, tudo fruto do trabalho de pessoas dedicadas e que acima de tudo gostavam do que faziam. Para fazer teatro, basta ter dom, o dom de estar vivo!

Em meio a esta caminhada, abduquei do teatro por outros rumos a serem explorados. Estava no momento em que deveria decidir qual profissão exercer, para qual curso iria fazer vestibular. Após muitas tentativas, passei para Administração de Empresas em 2005/2, tendo que trancar a matrícula em 2006/2 devido à gravidez da minha primeira filha, Lívia.

Após a maternidade, percebi que retornar à Administração não seria o ideal, pois não era exatamente a minha preferência, eu sempre gostei das artes. Tive então conhecimento de que tinha iniciado o curso de Teatro na Universidade Federal de Pelotas recentemente. Entusiasmada decidi cursá-lo, em contrapartida fiquei apreensiva, pois parte dos meus familiares não compreendia o motivo da minha escolha.

Contudo, sendo eu artista determinada pelos conceitos vivenciados no âmbito teatral, decidi prestar vestibular para Teatro Licenciatura, e em 2009/1, retornei à atividade como estudante do curso almejado. Naquele momento estava iniciando uma longa jornada de quebra de paradigmas e uma batalha em que, muitas vezes, tive que ser persistente na escolha, para poder permanecer dentro dos propósitos estabelecidos em direção à conclusão do mesmo.

Infelizmente, ainda há falta de conhecimento e pré-conceitos no que diz respeito ao teatro como carreira profissional. O que senti muitas vezes foi um total descaso com meu curso, com as pessoas do meu convívio. Repetidas vezes fiquei angustiada durante a realização dos trabalhos de faculdade, nas montagens, sem poder dividir minhas alegrias e conquistas. Frequentemente pensei em desistir, principalmente no início do curso, mas percebi que tudo na vida gira em torno das nossas escolhas, e devemos manter-nos firmes, para que ao final da jornada façamos valer a pena.

À procura do entendimento da incompreensão, ao qual enfrentei ao longo dos quatro anos cursados, mantive uma pergunta que através dessa pesquisa buscarei responder ou ao menos refletir sobre: se o teatro fizesse parte da juventude dessas pessoas, como seria a percepção destes atualmente, sobre a arte teatral e as carreiras de profissionais do teatro (atores, diretores, técnicos, professor)?

Desta maneira, partindo do resgate da minha história, - de minha participação na Cia. Teatral Cem Caras de 2000 a 2004 – fazendo menção à trajetória inicial com o

meio teatral e às dificuldades enfrentadas ao longo do curso, quanto à aceitação do mesmo, delinheio a questão de pesquisa e os objetivos de estudo em busca das respostas para temática. A questão de pesquisa, portanto, é *Em que sentido a experiência do fazer teatral na juventude contribui na constituição de um adulto apreciador de teatro?*

Este trabalho tem como finalidade apresentar um estudo com os participantes jovens do grupo Cem Caras entre os anos de 2000 a 2005. Mediante análise de questionários, será verificado se a prática teatral, neste período da juventude, contribuiu na capacitação de um adulto apreciador de teatro, independentemente dos rumos profissionais e/ou vocacionais seguidos pelos mesmos.

## 2 METODOLOGIA

O tema contribuição do fazer teatral na juventude é bastante amplo, porém, para focar essa análise de maneira objetiva, julgo ser necessário utilizar métodos como a aplicação de questionários a sujeitos de pesquisa e a partir do cruzamento das informações obtidas nos questionários com os referenciais teóricos, almejo ser possível estruturar e qualificar o diagnóstico.

Assim, direcionarei este trabalho como uma pesquisa qualitativa, que costuma ser estruturada ao longo de seu desenvolvimento, com os dados construídos, provocando um questionamento e uma análise acerca do assunto. No entanto ressalto que dados quantitativos também serão analisados, de modo a ampliar a visão sobre este grupo de jovens e sua relação na vida adulta com o teatro.

Para Bogdan e Biklen:

A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais. Na sua busca de conhecimento, os investigadores qualitativos não reduzem as muitas páginas contendo narrativas e outros dados a símbolos numéricos. Tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 48).

O estímulo para a realização dos questionários foi causar uma reflexão e uma análise individual dos entrevistados sobre o período em que pertenceram a Cia. Teatral Cem Caras. Nessa retrospectiva à juventude, as respostas passariam por uma análise reflexiva, e conseqüentemente, se relacionariam aos rumos tomados pelos mesmos na vida adulta. Desta maneira, a aplicação de questionários tornou-se imprescindível para a construção de dados com os sujeitos de pesquisa relacionados à temática proposta.

A criação de novos dados exige o envolvimento do pesquisador (não só de seus auxiliares) com os dados. Ela é extremamente consumidora de tempo, mas esse é um tempo que se reflete diretamente na riqueza das conclusões (FREITAS ET AL., 2000, p.109).

O questionário foi elaborado com questões abertas para que os integrantes respondessem colocando suas impressões particulares em relação ao fazer teatral na juventude dentro da Cia. Teatral Cem Caras.

Como fiz parte da Cia. Teatral Cem Caras no período de 2000 a 2004, escolhi para responder aos questionários elaborados para realização desta pesquisa, integrantes da mesma Cia. num período de 2000 a 2005, para assim poder relacionar a minha vivência teatral com a dos entrevistados.

Visto que o tempo acarretou no afastamento de grande parte destes integrantes, optei por buscá-los através das redes sociais como *Facebook*, para assim poder obter posse dos *e-mails* para contatos direcionados com os mesmos. A aplicação dos questionários procedeu via *e-mail*, com o maior número possível de integrantes localizados e foi estipulado um prazo de quinze dias para o encaminhamento das respostas sendo o preenchimento feito pelos mesmos.

Surpreendentemente, devido ao exíguo tempo estipulado para as respostas e ao tempo em que não tínhamos contato, obtive 12 questionários respondidos dos 22 contatados.

Com isso, vendo-me com tempo curto para o desenvolvimento da parte prática, abri mão do grupo focal que seria realizado com os mesmos para obtenção de maiores dados para a análise, visto que já obtinha material necessário para a pesquisa. Creio que o objetivo de proporcionar reflexão pôde ser, para alguns dos entrevistados, alcançado com êxito apenas na aplicação do questionário.

Nos capítulos subsequentes, será apresentado como ocorre a formação destes jovens e suas identidades frente à formação de espectadores no teatro amador, analisando os dados retirados dos questionários respondidos, realizados com os integrantes da Cia. Teatral Cem Caras, relacionando-os simultaneamente com o referencial bibliográfico estudado.

### 3 ESTUDO TEÓRICO

#### 3.1 JUVENTUDES E IDENTIDADES

Ao elencar o foco da pesquisa do fazer teatral com jovens integrantes da Cia. Teatral Cem Caras, no período de 2000 a 2005, tive a necessidade de buscar teóricos para o embasamento e o entendimento acerca do jovem e a sua formação.

De modo geral, juventude está denominada pela fase de transição do adolescente ao adulto, tomada por descobertas, questionamentos e curiosidades. Tem-se a ideia de que a juventude se determina pelo período em que menos se tem responsabilidades e em que se depende da família para assessorar eventuais dificuldades encontradas.

Segundo sua pesquisa Ronsini emprega, “o termo juventude para caracterizar uma fase na qual as responsabilidades da vida adulta podem ser conjugadas com a dependência da família, a frequência à escola e a sociabilidade com grupos da mesma faixa etária” (RONSINI, 2007, p.23). Em contrapartida Grisa defende que:

A juventude de hoje não se resume a uma faixa etária que não tem voz nem vez, muito antes pelo contrário, os jovens hoje seriam caracterizados pelo poder, inédito até então e negado a gerações anteriores: o poder de influir o mundo adulto. [...] Uma das maiores críticas a esta corrente refere-se à sua forte tendência em olhar para juventude de forma homogênea, impondo que todos da mesma faixa etária pertençam a mesma geração (GRISA, 2009, p.31)

Pode-se dizer que a formação de identidade advém dos grupos e interesses que os jovens têm em comum, não obrigatoriamente devido à idade. O fato é que alguns dos seguimentos escolhidos pelos jovens dizem muito sobre sua personalidade e o meio onde vivem, pois a “diferença de classe e a organização familiar são fatores decisivos na escolha de estilos distintos” (RONSINI, 2007, p.150).

Mais do que faixa etária (com uma extensão cada vez mais prolongada dos 12 até 29 anos), mais do que um fato social, mais do que situações e problemas vividos em determinada fase, mais do que mudanças corporais, mais que um estilo. Mais. É ao mesmo tempo tudo isso (GRISA, 2009, p.33).



O conjunto de como este jovem chega ao destino escolhido é determinante para a formação da identidade do adulto. Os valores, as apreciações, o respeito por esta escolha devem ser seguidos pela sociedade. Cada um é um ser diferente, com opiniões diversas, ninguém tem o comando da verdade única.

A sociedade, por definição, forma instituições e, para isso, ela precisa da diversidade, dessa grande capacidade humana que é ser diferente do outro, de ter diferentes gostos. Não se teria uma sociedade completa se todos quisessem ser atores, por exemplo. São necessárias pessoas de todos os tipos. Porém, todos poderiam ser espectadores, poderiam prestigiar o teatro, assim como a grande maioria de jovens prestigia o futebol, independente de suas escolhas profissionais. Mas, para que este sonho se torne realidade, eles têm, de uma maneira ou de outra, de entrar em contato com o teatro (GRISA, 2009, p.45).

### 3.2 TEATRO AMADOR

A Cia. Teatral Cem Caras é um grupo de teatro extraclasse formado por jovens estudantes, que teve início na antiga Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPel), hoje Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSul). Neste grupo havia jovens com diversos tipos de interesses, dentre eles cito: a necessidade de aperfeiçoar a capacidade de se expressar em público, manter convívio social com novos contatos e desejo de fazer teatro. Dessa maneira passou a realizar o então chamado teatro amador.

A palavra “amador”, que até então era um substantivo – soberbo e elogioso (denotando “aquele que aprecia uma arte e, eventualmente, a pratica”), mesmo que a conotação de incompetência já existisse há muito tempo – se tornou um adjetivo, sinônimo de não-profissional (MERVANT-ROUX, 2012, p.1).

Sinteticamente julgo que o teatro amador é feito por um grupo de pessoas que busca satisfazer o gosto do fazer teatral, grupo ainda não profissionalizado, unindo-se para ultrapassar as barreiras das dificuldades técnicas que uma montagem exige. Ferreira descreve o teatro amador como:

Coletivos de artistas que se unem com finalidade de jogar, de pesquisar ou de montar espetáculos, bem como os grupos estudantis, serão considerados amadores na medida em que não forem fonte de subsistência financeira dos sujeitos artistas neles envolvidos e não estiverem inseridos em circuitos comerciais de espetáculos. [...] O teatro amador pode, portanto, ser encarado como um espaço formativo na linguagem teatral (FERREIRA, 2011, p.3).

Seguidamente, quem possui o contato com teatro estudantil – uma modalidade de teatro amador – na juventude, percebe o quanto este tipo de teatro influenciou de alguma forma na sua formação referente à linguagem teatral.

Muitos deles (artistas profissionais) conferem explicitamente ao teatro amador a função de ter ensinado-lhes preceitos básicos da atividade teatral como o aprendizado do trabalho criativo coletivo e grupal, a árdua tarefa de lutar contra preconceitos socioculturais relativos à prática das artes cênicas, dificuldades financeiras advindas da não valorização do campo pelo poder público e pelas comunidades em que estavam inseridos, o fato de não reconhecer a atividade teatral como possibilidade profissional e uma possível mudança de paradigma, decorrente de trabalho árduo, persistente e constante destes grupos amadores e de sujeitos artistas (FERREIRA, 2011, p.11).

A dificuldade em fazer teatro como um meio de subsistência ainda é considerá-lo como inferior, onde jamais se terá sustento sendo um artista. “A subsistência destes (artistas amadores), em termos gerais, dava-se através de outras funções e a arte em suas vidas era fonte de realização e gozo pessoal e social e nunca atividade de trabalho remunerado ou de sustento” (FERREIRA, 2011, p. 7).

Em um dos questionários respondidos a esta pesquisa, o artista Marcos Chaves explica porque o teatro tornou-se uma opção profissional, e como essa escolha ainda repercute aos que têm dificuldade em assumir esta carreira.

Quando eu tinha 13 anos ouvi do diretor teatral que ministrava a oficina que eu participava, Kinho Nazário, na cidade de Novo Hamburgo, que teatro é um vírus. E que se isso fosse verdade, ele queria morrer disso. Há um detalhe romântico nessa frase: quem vivencia a prática teatral com intensidade uma vez na vida ao menos, fica com uma experiência marcante no coração. Faço esse paralelo comigo e meus colegas próximos de Cem

Caras, fomos contaminados por esse vírus e seguimos carreira artística. Quem optou por outras escolhas na vida, ficou saudosista. Não digo que é certo ou errado fazer isso ou aquilo, não faço esse comentário como se fosse melhor ter seguido pelo caminho da cena, apenas cito um fato comentado em bares com amigos. Fato que tem tudo de romântico, e uma vida real cruel. Optar por trabalhar com arte ainda é em nossa sociedade algo visto como algo menor. Se quisermos observar isso, basta ver o investimento que os governos dão à cultura. Zero vírgula quanto? Contemplado para dirigir um espetáculo em 2012 com edital do governo do estado, vivi isso na prática. Somos esmoleiros para políticas públicas. E o que resta disso tudo? Sem pieguices, o amor. A possibilidade de montar um espetáculo que tenha algum diferencial, nem que seja para uma pessoa apenas: para quem faz. Acabamos tocando e trocando com os espectadores. Sem a pretensão de mudar o mundo, de fazer o teatro mais cabeça ou mais engraçado da aldeia, mas de dialogar artística e esteticamente com o entorno em que estamos inseridos (Marcos Chaves, 2013).<sup>7</sup>

### 3.3 FORMAÇÃO DE ESPECTADOR

Como atores, diretores, professores, temos que ter em mente que está sob nossa responsabilidade a formação de espectadores. Ser espectador não é simplesmente assistir e apreciar o que está sendo apresentado, ser espectador é também fazer parte desse conjunto de montagem artística, é uma troca de experiências e vivências entre ator e espectador.

É necessário que um espectador ative toda sua gama de repertórios de espectar (teatro, TV, música, páginas da internet, cinema, dança, obras de arte, vídeos, revistas, livros, outdoors, shows, entre outros) para construir a recepção. Que não é pontual e sim processual; que se dá antes da relação direta com o artefato, durante e depois, num devir-espectador que se constrói diferentemente a cada comunidade de recepção a qual se pertence, a cada cenário de recepção no qual se circula. Ser espectador é mais do que ser receptor: é ser um inevitável produtor. De sentidos, de significados, de sensações, de sentimentos, de conhecimento (FERREIRA, 2009, p.54).

Somos todos constantes espectadores da vida, e isso pode nos tornar cada vez mais reflexivos e críticos com as situações diárias, cada momento vivenciado faz

---

<sup>7</sup> Os entrevistados autorizaram o uso de seus nomes para a construção desta pesquisa.

parte desse repertório para análise. Assim começa-se a construir a identidade, através de conceitos individuais e posturas frente ao “espetáculo”.

A formação de espectadores também se dá pelo acesso cultural disponibilizado à sociedade, que muitas vezes não tem conhecimento de tais eventos. Dessa forma a apreciação e o respeito pela arte tornam-se consequência deste ciclo, automaticamente libertando o espectador para que essa troca de vivências seja efetivada.

Considerando que o espectador é constituído por todas essas peças (suas práticas e discursos) que compõem seu repertório pessoal e seu universo cultural, ainda podemos pensar que ao construir sua(s) identidade(s) e sua(s) subjetividade(s), instáveis e cambiantes, devemos levar em conta uma série de atravessamentos que rasgam o espaço-tempo da recepção teatral, sendo parte integrante do processo (FERREIRA, 2009, p.66).

## 4 O REENCONTRO COM O CEM CARAS

### 4.1 A IMPORTÂNCIA TEATRAL

O fazer teatral na juventude pode proporcionar diversas percepções e construções de significados acerca do conceito do que é teatro, entendendo suas funções para nosso cotidiano, justamente por se tratar de um período no qual se inicia a formação de identidade. Nos questionários busco entender se essa prática teatral, esse contato com o teatro na juventude, pôde de alguma forma modificar a visão do que venha a ser teatro para esses jovens, hoje adultos, passando-se a ter maior aceitação e respeito por essa arte que por vezes é pouco valorizada.

Assim, através das colocações dos integrantes da Cia. Teatral Cem Caras, que pertenceram ao grupo no período de 2000 a 2005, pude perceber o quão significativo este convívio artístico tornou-se a esses sujeitos.

Sem sombra de dúvidas aprendi a me relacionar com as pessoas, a confiar nas amizades, ouvi-las, ser mais tolerante, saber lidar com o não, já que na maioria do tempo trabalhávamos com criação coletiva, e normalmente quando não aceitavam uma ideia minha eu ficava enfurecido. Sinto que um significado importante que a prática de teatro me trouxe foi me levar para a sala de aula, foi uma das coisas que me levaram para a Licenciatura (Deivid Luiz da Silva, 2013).

O principal aprendizado para mim no Cem Caras nem foi a parte técnica do teatro, mas sim aprendi a trabalhar com o grupo, e principalmente aprendi a amar e respeitar o teatro. [...] Ter feito parte do Cem Caras foi muito gratificante para mim, me deu muita base na área do Teatro e me inflou a conhecer mais e me aperfeiçoar. Éramos estudantes do ensino médio, adolescentes, e ter esse convívio entre pessoas parecidas nos uniu bastante, meu grupo de amigos foi muito forte, mantemos laços de amizade até hoje, mesmo à distância. Naquele tempo tudo era muito “artístico” para nós, nos envolvíamos muito, nossos projetos (provavelmente) não tinham muita qualidade, isso não era importante, o que nos importava era estarmos praticando teatro em pequenas apresentações, pequenos festivais. Essa passagem me incentivou a prosseguir, o Cem Caras era uma família, porém, se eu quisesse me aprimorar tinha que alçar outros vãos, e foi o que fiz, passei por outros grupos de teatro e atualmente faço parte do elenco de Tholl, Imagem e Sonho, porém a lembrança do Cem Caras sempre me é muito querida (Fábio Belém, 2013).

Sempre tive dificuldade de me expressar em público, sempre fui muito tímida, então o teatro ajudou bastante. As amizades que fiz dentro do teatro foram as mais profundas que já tive, pois você consegue conhecer muito o outro, ver seu lado mais ridículo e mais genial. Tenho amigos dessa época que considero grandes amigos até hoje. Adoro teatro até hoje e ter feito parte de um grupo de teatro me fez entrar em maior contato com outras formas de arte como música, cinema e literatura. Passei a conhecer artistas e ter contato com textos e músicas que não conhecia. Isso, em grande parte, pelo convívio com pessoas que tinham experiências de vida bem diferentes da minha (Cíntia Viana, 2013).

A afetividade e amizades construídas a partir dos encontros na Cia. tiveram amplo significado nessa formação de sujeito. Sem dúvida, a Cia. Teatral Cem Caras foi e será uma grande família, composta por vários integrantes que ficarão eternizados na memória de cada participante, independentemente da distância e dos rumos seguidos pelos mesmos. Isso nos diz em suas falas os depoentes e reitero ser também o meu sentimento.

Com o objetivo de refletir e discutir acerca das experiências dos integrantes do grupo teatral, relacionando-os com a escolha profissional, e a importância que o fazer teatral repercutiu para estes, faço uso de gráficos e citações de alguns trechos de falas que julgo serem relevantes para a análise dos dados registrados.

## 4.2 ANÁLISE QUANTI-QUALITATIVA DOS SUJEITOS

Apresento a seguir, de forma quantitativa, gráficos de dados que considero de suma importância para realização desta pesquisa, divididos da seguinte maneira:

- A) Dos entrevistados, quais as profissões seguidas estão ligadas à arte?
- B) Quantas dessas pessoas frequentam manifestações artísticas?
- C) E quantos frequentam o teatro?

### 4.2.1 Profissões escolhidas pelos sujeitos

Em meio à análise de questionários realizados com os integrantes da Cia. Teatral Cem Caras, pude observar que muitos optaram por seguir na área das artes, mesmo que não se tornassem atores, e outros tomaram rumos diversos, mas tornaram-se saudosistas em relação ao tema de pesquisa.

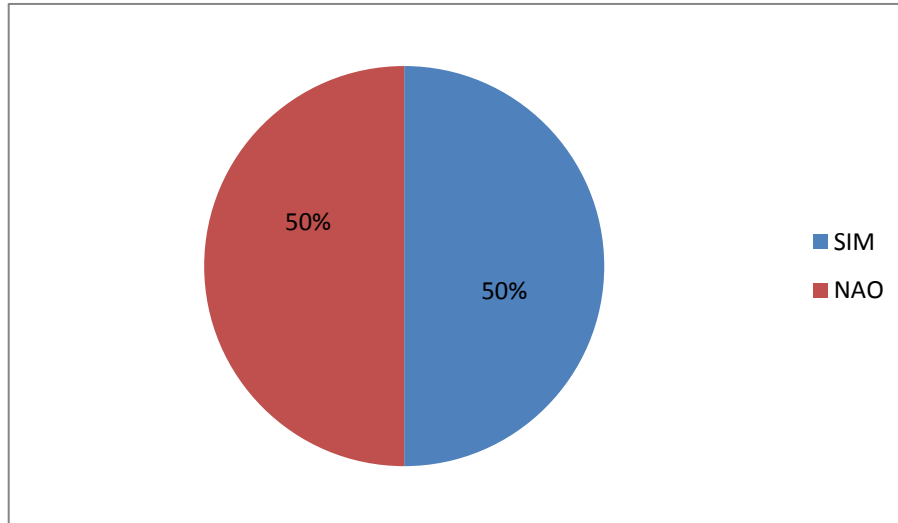


Gráfico 1 – Profissão dos sujeitos ligada à arte

Fonte: Questionários respondidos

Dentre as profissões classificadas como vinculadas diretamente às artes é possível citar: arquitetura e urbanismo, designer, artista, ator/professor de teatro e produtora audiovisual. Já em como “não vinculadas” cito: servidor público, corretor de imóveis, engenheira civil, professor de história, técnico em química e agente administrativo.

Para Ludmila Barros – arquiteta – e Itamony Barros – produtora audiovisual – o fazer teatral na juventude teve grande influência nas suas escolhas profissionais:

Ter feito parte do grupo de teatro me abriu novos horizontes na adolescência e a partir daí eu quis olhar para coisas diferentes, que não faziam parte da minha realidade mas existiam no mundo lá fora, passei também a dar mais atenção as aulas de história e história da arte e vi como o teatro também poderia ajudar na aprendizagem destes temas. Acredito também ter influenciado na minha escolha em cursar arquitetura, pois muita arte e criatividade estão envolvidas (Ludmila Barros, 2013).

Sempre fui muito ligada à arte, acredito que a maior repercussão disto na minha vida seja o fato de eu estar trabalhando com arte, embora na área de produção, pois me revelei muito mais administradora do que propriamente atriz. E a capacidade de poder avaliar uma obra, seja ela de cinema ou teatro reconhecendo a qualidade do trabalho artístico. A participação no teatro foi uma semente plantada, que ainda levo comigo. E muitas vezes, ao assistir uma peça de teatro ainda penso em retomar os palcos um dia, quem sabe (Itamony Barros, 2013).

#### 4.2.2 Frequência a atividades artísticas

Na busca de dados referentes à frequência dos brasileiros a eventos culturais, tive conhecimento através do Plano Nacional de Cultura, de uma pesquisa<sup>8</sup> realizada em 2010, cujo enfoque seria calcular se houve aumento do número de pessoas que frequentam museus, centros culturais, cinema, teatro, circo, *shows* de dança e de música no Brasil. Essas atividades culturais, que a pesquisa relata, referem-se ao exterior do âmbito domiciliar, medindo a acesso a estes serviços, garantindo o direito à cultura.

De acordo com a pesquisa sobre práticas culturais (“Frequência de práticas culturais”, do Sistema de Indicações de Percepção Social – SIPS) realizada em 2010 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 7,4% das pessoas vão mensalmente a museus ou centros culturais. Em relação aos teatros, circos ou *shows* de dança a frequência mensal é de 14,2% das pessoas. Frequentam mensalmente *shows* de música 18,9% da população e nos cinemas a frequência é de 18,4% (Plano Nacional de Cultura, Meta 16).

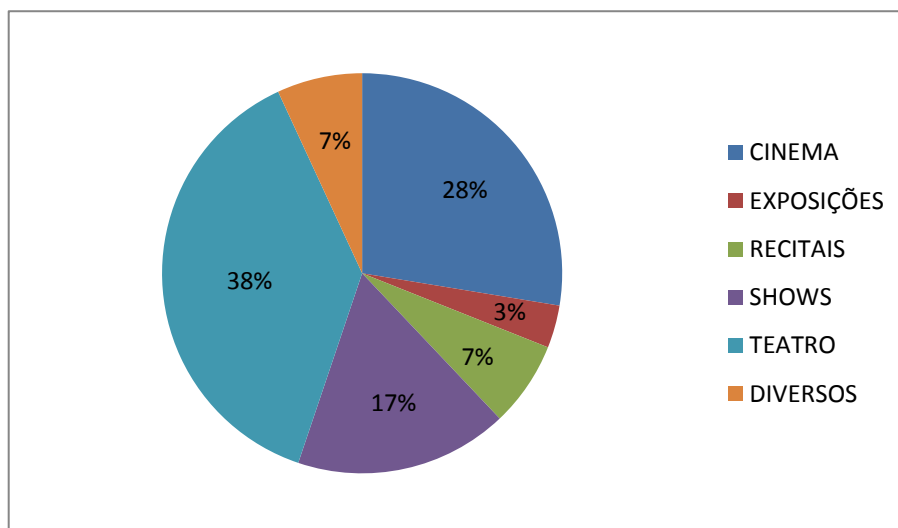


Gráfico 2 – Sujeitos de pesquisa que frequentam a manifestações artísticas

Fonte: Questionários respondidos, aplicados com 12 dos integrantes da Cia. Teatral Cem Caras, via *e-mail*.

<sup>8</sup> Dados disponíveis em: <http://pnc.culturadigital.br/>



Desta forma, percebemos que, no Brasil, a maioria da população ainda não tem direito ao acesso à cultura. Para modificar este quadro, é necessária uma política que estimule essa formação de público, ampliando a oferta e acesso aos bens culturais.

Até mesmo nos questionários direcionados aos membros do Cem Caras é possível visualizar esta realidade, pois tratando de uma cidade onde as atividades culturais recebem pouco investimento e incentivo, o acesso a eventos culturais acaba tornando-se elitizado, devido a poucas ofertas com valores acessíveis à comunidade.

Fico com pena apenas de morar em uma cidade tão pobre, que há poucos anos começou a valorizar sua cultura com todos estes prédios históricos a sua volta, que pouco despertou para o turismo e que não possui bons investimentos em cultura e lazer para a população, pois em cidade maiores ou apenas diversas podemos presenciar maiores intervenções teatrais e musicais ao ar livre, esporadicamente porém acessíveis a toda a população que pode assim conhecer a “arte” e não apenas pela televisão (Ludmila Barros, 2013).

Acredito que o teatro em Pelotas, através das últimas coisas que tenho assistido, está tendenciado a uma certa elitização. Assisti uma comédia na Cia. Cem Caras, inclusive, na Feira do Livro em Pelotas, e vi as pessoas maravilhadas com aquilo que estavam assistindo e sorrindo verdadeiramente. Este fato me fez pensar em que tipo de teatro estamos fazendo, inclusive na Universidade, onde os espectadores são, geralmente, pessoas envolvidas com o teatro. Um teatro elitista? Para poucos? Para “quem entende de teatro”? Não sei responder. Porém, tenho visto que a Cia. Cem Caras, que é da cidade, feita por pessoas da cidade (que não estão no curso de teatro, a maioria pelo menos) é que ainda fala a essa gente que ainda está desacostumada a prática de espectadores de teatro. Os trabalhos do curso de teatro que vejo não possuem a qualidade que deveriam, por ser um teatro feito por futuros profissionais, que formarão, quem sabe, atores, diretores e etc (Hélcio Barbosa, 2013).

Dos entrevistados que frequentam eventos culturais, 92% vão ao teatro, alguns com mais assiduidade do que outros, devido à oferta dos locais em que residem. Desta maneira, é possível visualizar no gráfico, que das 12 pessoas entrevistadas que tiveram prática teatral na juventude, 11 mantiveram o contato com o meio artístico teatral e os 8% justificam não ter acesso por falta de oferta na sua cidade.

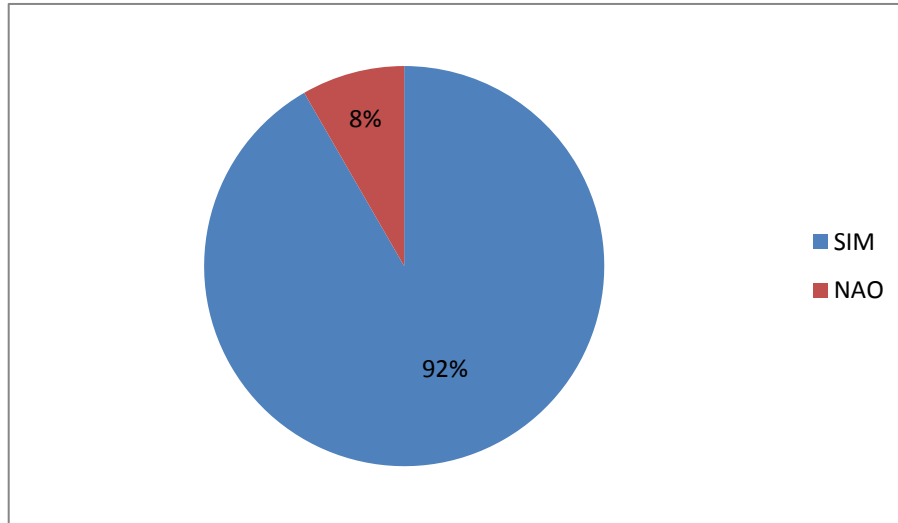


Gráfico 3 – Sujeitos de pesquisa que frequentam atividades teatrais

Fonte: Questionários respondidos

Gosto muito de frequentar eventos teatrais e a dois espetáculos do Cirque Du Soleil que vieram a Porto Alegre, ter tido a oportunidade de assistir a tais espetáculos foi uma realização pessoal e tanto para mim. Já que em Pelotas são poucas as oportunidades e por vezes muito caras, mas sempre que possível aprecio ir ao teatro, gosto mais de ir em Porto Alegre onde temos uma temporada cultural com peças teatrais bem interessantes a valores acessíveis com 10, 15 e 20 reais (Ludmila Barros, 2013).

Com base nos dados dos questionários e dos gráficos elaborados, é possível visualizar as dificuldades que os entrevistados, na maioria pelotenses, têm que enfrentar para ter acesso a eventos artísticos. Julgo ser ainda mais difícil disseminar estes hábitos entre aqueles que não tiveram acesso a atividades culturais na juventude, e muitas vezes nem têm conhecimento destas, que acabam formando espectadores e, geralmente, também a classe artística.

#### 4.3 EXPERIÊNCIA MARCANTE

Nesse resgate com os integrantes da Cia. Teatral Cem Caras, pude observar que não somente para mim, e sim para a grande maioria do grupo, a importância deste período foi muito expressiva na valorização e respeito ao teatro de todas as maneiras possíveis, como demonstram os depoimentos abaixo.

Hoje em dia trabalho em um laboratório petroquímico, e auxilio na área de comunicação fazendo parte do corpo técnico que recebe as visitas técnicas, na grande maioria são de escolas técnicas, faculdades e escolas de 1º e 2º grau. Quando atuei no teatro sempre foi por uma linha mais cômica, é um caminho que requer observação, hoje em dia na minha atual atividade o fato de ser observador faz com que as minhas palestras ou apresentações não se tornem chatas, não fiquem fora de foco, procuro observar as características do público alvo, direciono a apresentação para temas que sejam de interesse comum, sempre mantendo o bom humor. Penso que se na minha adolescência eu não tivesse feito parte da trupe Cem Caras, certamente eu estaria trabalhando somente no laboratório, talvez não estivesse estudando e nem tão pouco participando de outros setores da empresa que eu atualmente trabalho (Deivid Luiz da Silva, 2013).

Acredito que “abri a cabeça depois do teatro”, me soltei um pouco mais. Aprender a lidar com certas situações na vida, na arte da improvisação, muito útil em diversas fases da minha vida. Gosto de teatro, fiquei bastante crítica depois de fazer parte do Cem Caras, não é qualquer peça que me agrada. Lembro com carinho dos colegas, muito talentosos, que seguiram em frente no teatro, e isto me alegra, seria um desperdício não aproveitar seus talentos. Costumo contar para as pessoas que fiz teatro, acho que foi uma experiência ótima, e tenho orgulho desta fase da minha vida, foi bem ousada e bem criativa também (Camila Rabassa, 2013.)

A arte do teatro estudantil ou amador, para Mervant-Roux é que “o teatro dos amadores possui originalidade e autonomia”, fato marcante e exposto por vários dos entrevistados, visto que a pesquisa trata de jovens em contato com o teatro estudantil – momento este em que se sente necessidade de expor suas ideias. “O teatro amador pode, portando, ser encarado como um espaço formativo na linguagem teatral” (FERREIRA, 2010, p. 3).

Aprendi muito com cada integrante do grupo, a diversidade que um grupo inserido em escola é grande, logo tínhamos colegas-artistas que estavam lá de passagem e outros que buscavam o teatro para sua formação profissional. [...] Tamanha diversidade proporcionava uma real vivência de grupo, com as dificuldades de um número alto de integrantes – manutenção. Na prática artística hoje considero que este item é similar tanto em grupo estudantil ou amador: organização de cronogramas para ensaios e apresentações – quanto maior o número de participantes mais complexo o exercício. Considero que a vivência no Cem Caras me proporcionou esta atividade/vivência em grupo, com suas diferenças de interesses e motivações, preparando-me efetivamente para o trabalho profissional (Marcos Chaves, 2013).

O teatro me ensinou parte do que sei e sou hoje. O convívio com muitas pessoas, respeito pelas diferenças e pelo próximo e tantas outras coisas (Miguel Ângelo, 2013).

Para Ferreira, teatro amador tem função significativa quanto à valorização das artes rumo à profissionalização.

O teatro amador cumpre papel de linha de fuga a uma naturalizada não valorização das artes e, através desta persistência, alcança a profissionalização e transforma, paulatinamente, a percepção da comunidade em relação às artes cênicas (FERREIRA, 2011, p.12).

Além da construção de conhecimento na linguagem teatral e valorização das artes, julgo que os reflexos do fazer teatral realizado na juventude são de compreensão e transformação do indivíduo na fase adulta em relação ao meio em que vive, mesmo que este não venha a exercer a profissão artística, pois com o teatro aprendemos a respeitar posturas diversas e diferenças.

Atualmente desenvolvo duas atividades que em tudo tem a ver com o teatro. Sou Corretor de Imóveis e estudante de Direito. Tanto no processo de venda, quanto no exercício de direito ou na busca da justiça, a linguagem teatral em muito me auxilia. Duas atividades essencialmente emocionais, uma em seu fim, outra em seus meios, precisam de aguçada sensibilidade, rápido raciocínio e poder de improvisação. Tais atividades me proporcionam o exercício do teatro todos os dias e o teatro me dá um número absurdo de ferramentas para desenvolvê-las a cada minuto (André Christ, 2013).

Atualmente como professor, utilizo a linguagem teatral no pedagógico diário. Quem é “mordido por esse bichinho” do teatro nunca mais consegue se desvencilhar. Continua trabalhando mesmo que indiretamente (Laerte Pedroso, 2013).

O fazer teatral na juventude para estes entrevistados pôde proporcionar, mesmo que escolhido outros rumos profissionais, uma ampla capacidade de improviso nas situações diárias. Além da análise e crítica que se cria na rotina teatral, tornam-se observadores dos próprios atos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida para a realização desta pesquisa de conclusão de curso foi suscitar uma reflexão acerca das vivências juvenis com o fazer teatral para formação de um adulto apreciador de teatro. Estas experiências partem das dificuldades enfrentadas no decorrer do percurso acadêmico quanto à aceitação por essa arte e quanto a minha escolha como profissão a ser seguida.

Tive a oportunidade de resgatar amigos que pertenceram a Cia. Teatral Cem Caras no período de 2000 a 2005, do qual também pude fazer parte, e relembrar momentos bastante significativos tanto para mim quanto para cada um dos entrevistados, momentos estes que para muitos dos entrevistados ficaram marcados na vida adulta.

Julgo que o principal sujeito reflexivo tenha sido eu mesma, como aprendiz de pesquisadora, atriz e docente das artes cênicas. De certa forma, este trabalho me ajudou a compreender o quanto o teatro é capaz de formar um sujeito para a fase adulta, auxiliando de maneira geral no respeito ao próximo entre outros tantos atributos já explicitados na pesquisa.

Em meio aos dados recolhidos nas entrevistas, ficou claro que o teatro teve grande influência para as escolhas vocacionais seguidas, para metade do grupo pesquisado. A outra metade, que tomou rumos variados, utiliza dos aprendizados teatrais que teve com o grupo estudantil em suas vivências diárias.

Praticamente todos se tornaram espectadores assíduos do teatro, sendo que apenas um dos entrevistados não frequenta a espetáculos teatrais, tendo como justificativa a falta de acesso a estes na cidade onde reside. Os que residem em Pelotas manifestam a carência de trabalhos artísticos disponíveis para a sociedade, revelando que frequentam o teatro sempre que possível. Já os que residem ou disponibilizam-se a ir a Porto Alegre, capital do estado do RS, comentam que facilmente e intensivamente frequentam o teatro.

Desta maneira, através dos dados retirados das entrevistas realizadas, fica explícito que o fazer teatral na juventude, em um grupo estudantil, tem grande responsabilidade quanto à formação de identidade dos sujeitos envolvidos. Pois, como cita Ferreira, “o teatro amador pode, portanto, ser encarado como um espaço formativo na linguagem teatral” (2010, p.3).

É importante que fique claro que a análise realizada na pesquisa foi feita com sujeitos que tiveram experiência com o fazer teatral na juventude, em um grupo estudantil, tanto como atores/atrizes quanto como espectadores. Ciente de que esta análise poderia ser mais aprofundada, seria necessário contatar um grupo de pesquisa no qual jovens que nunca tiveram contato com o fazer teatral fossem depoentes, para assim verificar o seu conceito sobre o teatro.

Para ampliar a análise da pesquisa, fiz uso de dados do Plano Nacional de Cultura, que buscam desenvolver o cálculo do aumento do número de pessoas que frequentam a eventos artísticos, no exterior do âmbito domiciliar e não necessariamente que tenham feito parte da prática teatral. Dessa maneira, fica comprovado que a maioria da população não tem direito e/ou acesso à cultura.

A finalidade do desenvolvimento deste trabalho foi compreender a “não aceitação” do teatro por parte de pessoas que nunca tiveram acesso ao mesmo, através da análise dos que tiveram a oportunidade de praticar teatro na juventude. Compreendo que o fato de conhecer e conviver com o fazer teatral nos torna mais críticos e analíticos, capazes de respeitar os conceitos opostos aos nossos. Constato, então, que o teatro altera o campo de visão dos sujeitos. Creio, portanto, que se estas pessoas que nunca tiveram a convivência com o teatro tivessem tido esta experiência na juventude, suas relações com o mesmo certamente se modificariam.

## REFERÊNCIAS

BOGDAN, R. e BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto/Portugal: Porto Ed., 1994.

FERREIRA, Taís. **A escola no teatro e o teatro na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FERREIRA, Taís. **Do amor à profissão: teatro amador como pedagogia teatral**. No prelo.

FREITAS ET AL., **O método de pesquisa survey**. Revista de administração, São Paulo v.35, n.3, p.105-112, julho/setembro, 2000.

GONDIN, Sônia Maria Guedes. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos**. Salvador: Paidéia, 2003.

GRISA, Aline Cristiane. **Em três atos: jovens e teatro**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. UFRGS, Porto Alegre, 2009.

HARTMANN, Luciana e FERREIRA, Taís. **História da Arte-Educação 2 – Módulo 16**. Brasília: Estação Gráfica Ltda., 2010.

MERVANT-ROUX, Marie-Madeleine. **Os dois teatros**. Sala preta, vol.12, n.1, junho 2012, p. 125-140.

MINC. PLANO NACIONAL DE CULTURA. <<http://pnc.culturadigital.br/meta/meta-16-aumento-em-60-no-numero-de-pessoas-que-frequentam-museu-centro-cultural-cinema-teatro-circo-shows-de-danca-e-de-musica>>. Acesso em: 01/02/2013.

RONSINI, Veneza V. Mayora. **Mercadores de sentido: consumo de mídia e identidades juvenis**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

## APÊNDICE





UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
CENTRO DE ARTES  
CURSO DE TEATRO – LICENCIATURA

Este questionário compreende a construção de dados a serem analisados no meu trabalho de conclusão no curso Teatro – Licenciatura, do Centro de Artes da UFPel. Os sujeitos de pesquisa serão integrantes da Cia. Teatral Cem Caras entre o período de 2000 a 2005.

As respostas são imprescindíveis para o desenvolvimento desta pesquisa. Por favor, responda as questões abaixo e as encaminhe por *e-mail* (nina.machado@ymail.com).

Desde já, agradeço sua colaboração!

*Marina Chaves Moraes*

**Questionário**

1. Nome:
2. Idade:
3. E-mail:
4. Telefone:
5. Profissão:
6. Escolaridade:
7. Local de residência atual:
  
8. Com quantos anos ingressaste na Cia. Teatral Cem Caras?
  
9. Tiveste algum tipo de contato com teatro antes de ingressar na Cia.? Onde?
  
10. Por qual motivo ingressaste no grupo?
  - ( ) Desejo de experienciar a prática teatral.
  - ( ) Aperfeiçoar a capacidade de se expressar em público.
  - ( ) Manter o convívio social.

( ) Outros. Quais?

11. Qual o período de permanência na Cia.?

( ) Inferior a 1 ano

( ) 1 ano a 2 anos

( ) Acima de 2 anos

12. Neste período, no qual pertenceste a Cia. Teatral Cem Caras, qual o estímulo para permanência?

13. O que consideras ter aprendido durante o tempo em que integraste o grupo? O que significou a prática teatral para ti?

14. Após ter pertencido a Cia. Teatral Cem Caras, seguiu praticando teatro?

15. Atualmente, costumavas frequentar eventos teatrais? Com qual assiduidade?

16. Frequentas outros tipos de eventos ou acontecimentos culturais de tua cidade (*shows*, cinema, recitais, saraus, etc.)?

17. Tens o hábito de ler livros que não sejam leitura obrigatória de aulas ou do trabalho?

18. Caso frequentes eventos teatrais e culturais, como avaliaria os últimos nos quais foste espectador? Comente tua experiência.

19. Comente livremente neste espaço, qual a tua relação com a linguagem teatral e quais as repercussões destas experiências na tua vida adulta.